



NÓVOA, A. **O regresso dos professores**. Pinhais: Melo, 2011.

Francisco Caloia Hombo Alfredo

Bolsista Capes e Mestrando em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP - Brasil, e-mail: franciscocaloia10@gmail.com

Resenhar a obra de António Nóvoa significa não apenas lidar com matéria referente à formação de professores e ação docente. É também estar em presença de um autor de reconhecida dedicação neste assunto cujas produções têm abarcado a arena internacional de forma geral e particularmente contribuído nas reflexões de acadêmicos brasileiros. Aliás, esta obra do pesquisador português Nóvoa, publicada e dedicada aos professores do Brasil, demonstra seu apreço alicerçado num contato construído desde o ano de 1994.

O livro, *O regresso dos professores*, se revela num anúncio ao regresso dos professores depois de cerca de quatro décadas se parecem reencontrados com suas incumbências valorizadas pela pesquisa. Portanto, o pensamento norteador direciona para os desafios na formação do professor, a profissão de professor e sua intervenção em meios públicos.

A obra reúne quatro capítulos, quase todos trazidos em seus títulos, de forma interrogativa. No primeiro, “Professores: O futuro ainda demora muito tempo?” inicialmente há um debruçar do consenso sobre a

vida dos professores e do seu desenvolvimento profissional, onde o autor traz questionamentos, por exemplo, *como fazer aquilo que dizemos que é preciso fazer?* Na sequência, algumas medidas são gizadas como propostas de novos modos de organização da profissão de professor procurando reforçar a dimensão pessoal, profissional e pública do professor. O regresso dos professores em palco revela a vivacidade de sua importância pontuada em seu papel sem desmerecer a racionalização de outras dimensões que foram ocorrendo e notabilizadas na década de 1970, a pedagogia dos objetivos; as reformas educativas nos anos 1980 e a atenção prestada com realce em organizações escolares e em todo o funcionamento administrativo e gerencial nos anos 1990. A profissão de professor foi ganhando centralidade no âmbito das políticas nacionais, e inclusive, menciona o autor, o relatório da OCDE de 2005 também aponta para esta via. Não obstante a isto, a diversidade na redefinição das práticas escolares, as novas tecnologias revolucionadoras do mundo no geral e na escola em especial vão se apresentando em desafio permanente ao professor. Com efeito, o autor não passa à periferia da ênfase sobre a necessidade de o professor se assegurar da sua aprendizagem em articulação com o desenvolvimento profissional ao longo da vida e, sem perder de vista a incorporação neste processo, a atitude reflexiva e uma formação assentem na pesquisa com espírito colaborativo a semelhança dos médicos onde em relevo figura o trabalho em comunidade refletido na coletividade.

A organização da profissão de professor pode ser de insucessos se se pautar continuamente em pretensões meramente individualistas e de rígidas regulações externas burocráticas, sem prescindir o exercício da atividade docente e inclusivamente a formação de professor à conquista e ao estabelecimento de relações com a sociedade por meio da sua presença pública, sob pena de outros profissionais o fazerem em lugar do professor.

No segundo capítulo, “Cem anos depois: uma nova revolução?”, o autor centra-se inicialmente na abordagem da escola como espaço público da educação no qual a criança/aluno capitaliza a valorização da cultura e das aprendizagens. Nesta centralidade, faz uma pincelada sobre os métodos ativos constituintes da abordagem reflexiva. Dentre outros autores,

assinala Jean Jacques Rousseau, em *Emílio*, sobre a discussão da autoridade pedagógica em que o pensamento de Nóvoa parece discorrer com o propósito de encaminhar para resposta ao exercício da prática pedagógica enfatizada pela presença da força ou da violência. O autor salienta, portanto, que a autoridade pedagógica pode se conquistar “através de um esforço continuado de nos darmos ao respeito, de construirmos o espaço educativo como um lugar de diálogo e de trabalho” (NÓVOA, 2011, p. 23). Retoma também quatro dos ideários da Escola Nova de Adolphe Ferrière: “Da escola só (transbordante) para o espaço público da educação”, em que discute a aprendizagem com foco na criança sinalizando a influência do meio natural sobre ela. Daí a relevância de um programa de educação integral diferentemente de educação a tempo integral. O alerta consiste no fato de a escola integral trabalhar com a criança no seu todo, embora salienta que a escola por vezes condescende a tentação de assumir todas as obrigações educativas e sociais pelo que ecoa num excesso de missões a respeito de sua responsabilidade; “Da criança no centro para a valorização da cultura e das aprendizagens”, há em referência o interesse pela criança como o centro de quase todas as esferas da vida. Nesse âmbito, o autor levanta indagações: há a necessidade de colocar a criança no centro de todos olhares ou há a necessidade da elaboração de uma pedagogia que preencha as insuficiências da sociedade? Tais inquietações mobilizam o posicionamento do autor em asseverar seu favoritismo, a necessidade de a criança/aluno ocupar o centro das atenções voltadas à cultura e à aprendizagem.

Adiante, rebuscando os cenários marcantes no futuro da escola, o autor aponta três eixos assentes nos seis cenários do estudo prospectivo da OCDE, dos quais a *Re-escolarização (a escola no centro da coletividade e a escola como organização centrada na aprendizagem)* mobiliza a opção transcendental do conhecimento básico para uma aprendizagem enriquecedora. No princípio, “Dos métodos ativos para as abordagens reflexivas”, o pensamento recai na possibilidade desses métodos se moverem para o descobrimento da natureza da criança/aluno como elementos motivacionais e desafiadores da tarefa da escola; “Da diferenciação na homogeneidade para a valorização da diversidade e a construção do diálogo” enfatiza

a diversificação procedimental em atenção às necessidades reveladas. Este capítulo termina destacando a importância da escola como lugar de vida, mas, sobretudo, lugar da aprendizagem e desenvolvimento individual e coletivo.

No terceiro capítulo, “Para uma formação de professores construída dentro da profissão”, levantam-se tentativas de definição de um bom professor. Para tal, o autor argumenta cinco teses como perfil: o bom professor, notadamente, o conhecimento, a cultura profissional, o tato pedagógico, o trabalho em equipe e o compromisso social. Na sequência, o autor faz uma incursão assente no percurso da formação de professor, apontando possibilidades, incidindo a prática em que põe em relevo a assunção da práxis que se configura na aprendizagem do aluno e no estudo de situações concretas dentro do quadro do trabalho escolar.

A profissão de professor construída pela formação de professor reúne a aquisição de uma cultura profissional na qual os mais experientes na profissão participam da formação dos mais jovens. Num percurso em que ficam evidentes as dimensões pessoais do profissional apontadas pela capacidade das relações e de comunicação que se estruturam no tato pedagógico e na partilha por conta da valorização do trabalho em equipe, reforçado na importância de projetos educativos escolares.

No quarto capítulo e último, “Professores, por quê? A pessoa, a partilha, a prudência”, o autor faz referência da ausência de uma teoria da pessoa do professor, ou seja, vislumbra tal indispensabilidade no propósito de melhor conhecer-se a singularidade do professor em sua dimensão pessoal e profissional como pressupostos de melhor compreendê-lo. Advoga, outrossim, uma escola em que a partilha e aprendizagem das regras sociais não escapem o ambiente escolar como valores na formação de professor; todavia esses pressupostos demandam perícia, competência e crença nas atividades a desenvolver com significado.

Assim, a formação de professor procura congrega dispositivos diferenciados perante à complexidade da profissão de professor com vista dela resultarem bons profissionais. E, com efeito, Nóvoa (2011) coloca em nossa disposição mais uma obra que parece importante no iluminar da prática e do (re)pensar cotidiano na formação de professor e da ação docente.

Portanto, não parece escusado salientar, que a formação de professor, como processo dinâmico, apregoa em suas necessidades atributos (re)vitalizantes ao profissional da educação na medida em que põe em relevo as dimensões da profissionalidade, entendidas no quadro do desenvolvimento de conteúdos enfocando distintos ângulos da formação de professor. Além do mais, importa não perder de vista que o professor reflete um contexto social e cultural, daí que a sua formação extrapola o domínio de um conjunto de técnicas que se traduzem apenas na prática docente em sala de aula. Sua formação se constrói, também, na compreensão e interpretação dos movimentos da sociedade, que de certo modo, atingem o tecido da formação de professor e da própria prática. Essa perspectiva parece valorizar a dimensão política da formação de professor e, a ser assim, não pode ser vista desamparada a conhecimentos de outras áreas como apropriação da qualidade interativa do processo de formação em que se procura evidenciar o conhecimento, não simplesmente como acúmulo de experiência, como também ferramenta desmistificadora na intervenção social.

Recebido: 22/10/2011

Received: 10/22/2011

Aprovado: 28/11/2011

Approved: 11/28/2011